

POTÊNCIAS AFETIVAS: PERSPECTIVAS SOBRE O TEATRO NA ESCOLA EM TEMPOS PANDÊMICOS¹

Ana Paula da Silva Santos
Andrisa Kemel Zanella
Céli do Nascimento Palacios
Cleber Cardoso Xavier
Diego de Medeiros Pereira
Édila Thais Magalhães Bastos
Ivone Priscilla de Castro Ramalho
José Sávio Oliveira de Araújo
Liliane da Silva Bezerra
Leuise Lopes Furtado
Maria Aparecida Ferreira de Almeida
Mbandu Luvumbo Nsingui
Raimundo Nonato Costa Neto
Sueli Rodrigues da Silva
Thulho Cezar Santos de Siqueira

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34293

¹ Este texto coletivo foi escrito no terceiro encontro do Grupo de Conversa 1 do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que aconteceu de 8 a 12 de novembro de 2021, em formato remoto, em torno do tema: "(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia".

O que pode o teatro na escola em tempos de (im)possibilidades? Não podendo ser silenciado, nem mesmo pela distância e solidão, o teatro inventa-se e reinventa-se na escola, como luta e resistência.

O desafio de ensinar teatro, sem contato corporal e sensorial, subsiste. Mas fomos criando estratégias possíveis de relação e aproximação multimídia, intertelas, tecnovivial, multipresencial... Foram muitas barreiras, que, ao mesmo tempo, nos incitaram a partir de outras perspectivas e expectativas. Escrevemos aqui, como quem diz: estamos vivos e seguimos resistindo, com o corpo negado ou explodido — ou será expandido?

Na ausência, a presença vibrava. A mágica do teatro aconteceu e ainda acontece. A arte da presença e do presente... A arte do corpo e do movimento! Para diminuir a dificuldade de acesso à internet, as aulas aconteceram de forma assíncrona. Instauramos práticas e jogos teatrais para o formato remoto. Corpos explodiam em quadrados à nossa frente. Corpos procurando se encaixar em espaço e tempo, em silêncios... Vivenciar teatro durante a Pandemia mostrou o quanto essa arte é potente para (re)inventar não apenas o teatro e a escola, mas também *o teatro na escola* e, por conseguinte, vidas.

O teatro nos ensina a lidar com o imprevisível e também com a impermanência, pois nos chama para o aqui e o agora, entre jogos e improvisações. Recreamos, assim, antigas formas de metodologias para o ensino do Teatro e para a prática da vida. *Ou será que ele nos revelou novas formas ao avaliarmos os nossos fazeres sempre tão iguais?* (Re)encontramo-nos. Percebemo-nos importantes para o exercício da existência do outro e da nossa com o outro. E isso não poderíamos chamar de teatro? Um ato ritualístico de entrelaçamento de subjetividades. Intersubjetividades na construção de novas possibilidades criativas e expressivas. *Teatro como manutenção de vínculos.* O ato de ensinar é um ato político.

Por meio do teatro foram experienciadas as potências e impotências das aulas online. Novos tempos e espaços escolares. Essa arte pode ser um terreno

propício para a troca de experiências entre educadores e estudantes, desde que estejam abertos ao encontro, ao acontecimento e à potência de aulas-diálogo, em didáticas artísticas, performáticas e de transcrições. Experiências híbridas, mestiças, entrelaçadas, que nos tocam, nos atravessam, afetando em nós outros modos, inusitados, de perceber o mundo possibilitados pela empatia do momento em que vivíamos.

Atevemo-nos a afirmar corajosamente, quase como num manifesto, que a maioria de nós tem buscado encontrar estratégias de — mais que abordar o teatro como uma linguagem que precise ser compreendida em seus fundamentos — possibilitar experiências capazes de manter uma investigação sobre como existimos no mundo e de como esta existência foi/é/será afetada pelo atravessar da Pandemia por Covid-19 que nos assolou sobretudo em 2020 e 2021.

Em primeiro plano, foi preciso compreender aquele momento como um enfrentamento político e social por: “pão, vacina, saúde e educação”. O aumento considerável de atividades online escancarou uma enorme desigualdade em relação à inclusão digital no Brasil — comparável àquela também percebida em outros países, como no caso de Angola — nos obrigando a questionar: a quem serve esta escola que temos aí? Que corpos são convidados a performar nela? Que corpos e performatividades são ignorados, excluídos e mesmo perseguidos por ela?

Educandos oriundos de regiões periféricas, e pertencentes a grupos racialmente minoritários, apresentaram baixas condições e recursos para se manterem no uso contínuo de plataformas digitais de acesso à aula online. Não se fez perceptível um apoio efetivo do Ministério da Educação e das Secretarias de Educação para sanar ou minimizar tais vulnerabilidades.

No entanto, viver outras dinâmicas e práticas de teatro na escola em tempos pandêmicos parece ter sido paradoxalmente capaz de dar a perceber que o controle que se quer exercer sobre estes corpos não é total, pois sempre houve, há e haverá espaços para resistência, ainda que seja inegável a instauração de

discursos que põem em disputa saberes/fazer/poderes que buscam normalizações e mesmo normatizações das performances corporais.

Vivenciar teatro durante a pandemia mostrou o quanto essa arte está sempre em movimento, buscando existir, coexistir e antropofagizar. Como em um caleidoscópio que ao girar possibilita novas formas e cores, a investigação e exploração foram tentativas de erros e acertos, os territórios íntimos de cada um se transformaram em espaços compartilhados, um pequeno palco onde nossos corpos foram percebidos e a criação que parecia sufocada alçava voos em bandos e aproximavam distâncias intermediadas por uma tecno-janela. Em vários momentos foi um acalanto para a ausência das nossas relações que, acostumadas com o calor da proximidade dos corpos, se viram arrancadas da alegria de estarmos juntas.

Durante as práticas, os jogos teatrais, contação de história, estudos do movimento foram adaptados para o formato remoto que apresentou alguns obstáculos tecnológicos, como a não abertura de câmeras — por diversos motivos — *delay*, quedas da internet, timidez, entre outros, mas nada disso impossibilitou que o teatro deixasse de ser e acontecer.

Que modos outros a pandemia suscitou ao teatro? E que modos outros o teatro suscitou à educação? Que escola é possível compormos a partir das novas realidades do ensino remoto? O que as aulas de artes/teatro têm a aprender e a oferecer nessas composições? Essas foram as questões do II CIPA, que nos fez um convite para produzirmos novos sentidos, em meio às poéticas teatrais; de brincar de ser outros; de nos valermos do erro para improvisar em meio ao caos, em meio à desordem; de experimentar tempos e espaços inventados; de sentir a presença vibrante, pulsante, dançante, dos nossos corpos entrelaçados a outres. As aulas de teatro se configuraram como espaços de escuta: "nós somos ouvidos nas aulas de teatro".

Perceber sobre como cada um atravessou a pandemia nos leva, inevitavelmente, a pensar sobre nós mesmos e nossa postura nesse processo, ora

negando a possibilidade de "fazer teatro", ora realizando algo que possa ser compreendido como possibilidade de manter essa arte viva dentro da escola.

Na busca de conteúdo nos reencontramos com a nossa cultura de matrizes afro-diaspóricas e ameríndias. Revisitamos a nós mesmos e contamos velhas-novas histórias: conjunto orquestrado de antigas vozes, mar de ecos contínuos ondulando sobre a superfície de antigas memórias. O silêncio primordial é coletivo.

Esperancemos, como nos ensina Paulo Freire, conjugando juntas o verbo Esperançar, transformando luto em luta, e resistindo por dias melhores...

Notas diárias do coordenador e da coordenadora do GC 1 do II CIPA²

09/11/2021 — Iniciamos o encontro com muita conversa. O pessoal, de imediato, demonstrou ansiedade em saber qual seria a surpresa do nosso Grupo. Para cada pessoa que entrava na reunião entregamos um presente (uma numeração que correspondia a um texto de algum/a autor/a integrante do Grupo). Após isso, às 19h11 iniciamos as regras do jogo. Nesse dia 13 pessoas estiveram presentes (incluindo coordenadores) e percebemos abertura para a dinâmica do jogo. Nesse movimento, destinamos 15 minutos para a leitura dos textos, até então em anonimatos. Ao final, foram compartilhadas as impressões e lançadas duas perguntas por cada pessoa que realizou a leitura. Após isso, explicamos que os/as autores/as dos textos poderiam ficar pensando, problematizando, reverberando sobre sua própria escrita a partir das provocações lançadas pelas perguntas de quem leu e que esse processo era necessário para darmos continuidade à dinâmica do jogo no dia seguinte. Durante todo o tempo em que estivemos reunidos foi disponibilizado um "bloco de notas" através da ferramenta Jamboard, no qual puderam realizar anotações acerca de suas inquietações e impressões.

² Thulho Cezar Santos de Siqueira e Ivone Priscilla de Castro Ramalho.

10/11/2021 — O segundo encontro foi ainda mais descontraído, repleto de conversas e trocas. Tódes se sentiram muito à vontade, demonstraram curiosidade em relação à continuidade do jogo. Ao acolhermos os/as participantes, convidamos todes a se apresentarem, informando nome, cidade, formação acadêmica/atuação profissional, lugar onde estuda ou trabalha, o título do texto que inscreveu no evento e o nome da pessoa que o apresentou no dia anterior (caso lembrassem). Em seguida, retomamos o bloco de notas, fazendo a leitura através da proposição de um jogo teatral, que foi muito interessante e envolvente. Logo após isso, fizemos o recompartilhamento dos textos, e pedimos que retomassem as questões se referindo à pessoa que lançou as provocações. Cada pessoa teve 10 minutos para falar sobre o seu próprio texto. Nesse dia, além de termos iniciado com a leitura do “bloco de notas”, convidamos os/as integrantes do nosso Grupo de Conversa a continuarem registrando suas inquietações e impressões nesse artefato. Ao término do encontro, enfatizamos a importância da presença no dia seguinte para darmos continuidade ao jogo.

11/11/2021 — O terceiro dia foi iniciado com a leitura do “bloco de notas”, novamente através da proposição de um jogo teatral. Após isso, convidamos os/as participantes a se lançarem em uma escrita ensaística a partir de todas as provocações suscitadas ao longo do nosso encontro, nas trocas, nas conversas, nas leituras dos textos, nas anotações. Com isso, compartilhamos um arquivo do *Google Docs* em que todes podiam produzir coletivamente a escrita de um texto, que levou em torno 1h30. Finalizamos esse dia com a leitura coletiva do texto e com as falas de todes sobre a experiência do Grupo de Conversa, em que tivemos colocações muito interessantes sobre o modo como o evento foi organizado. De forma geral a avaliação foi positiva. Os/as integrantes do Grupo destacaram a construção de um espaço de acolhimento e reconheceram a metodologia utilizada como propositiva. Foi apontado que a inclusão de ferramentas com as quais não se tem intimidade (Jamboard) requer mais tempo para adaptação, assim como

também foi mencionado que as discussões seriam ainda mais proveitosas se fossem sessões mais longas.